

## RECONFIGURAÇÕES FEMINISTAS — MODIFICAÇÕES DE SENTIDOS PROMOVIDAS PELA TRADUÇÃO FEMINISTA EM UMA SOCIEDADE (AINDA) PATRIARCAL

**Palavras-Chave:** TRADUÇÃO FEMINISTA, GAROTA, MULHER, OUTRAS, FORMAS DE TRANSFORMAÇÃO.

**Autoras:**

**NATHALIA DA SILVA TEIXEIRA, IEL, UNICAMP**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA VIVIANE DO AMARAL VERAS, IEL, UNICAMP**

### INTRODUÇÃO:

Considerando as *formas de transformação* possibilitadas pela tradução, esta pesquisa dialoga com as transformações sociais oferecidas pela tradução feminista em uma sociedade patriarcal, de forma a promover um meio social mais inclusivo e atento às mulheres negras, mães solas, pessoas LGBTQ+<sup>1</sup>. Para Costa e Amorim (2019), Scardoelli (2019) e Flotow (2020), a tarefa da tradução feminista possibilita o reconhecimento e a inserção de identidades ignoradas e excluídas. A pesquisa adota a obra *Garota, mulher, outras*, de Bernardine Evaristo, com o objetivo de tornar presente a polifonia de vozes de mulheres negras. O trabalho parte da análise do estilo de escrita da autora, *fusion fiction*, e se atenta à tradução do inglês para o português da linguagem não binária presente nos capítulos que retratam a vida da personagem não binária, levando em consideração a questão do racismo e diversos abusos retratados na história.

A escolha da obra de Bernardine Evaristo, traduzida por Camila von Holdefer, pauta-se na afirmação da tradução como sendo “inevitavelmente

uma ação transformadora” (Costa; Amorim, 2019, p. 1230) e na necessidade de instigar “debate[s] sobre a possibilidade de se pensar quais formas de transformação realmente queremos imprimir na prática tradutória do Outro” (Amorim, 2014, p. 175). Na obra de Evaristo (2020), destacamos um capítulo escrito em linguagem não binária e a principal questão foi compreender a tradução desse tipo de linguagem dentro da perspectiva da tradução feminista.

A linguagem não binária surgiu com o objetivo de promover a inclusão daqueles que não se identificam com o binarismo, sendo utilizada para se referir ao grupo LGBTQ+ ou de forma mais geral. No português brasileiro, a alteração é mais enfática, pois temos uma língua morfologicamente marcada. Logo, tornam-se alvos das mudanças os sistemas pronominais, os artigos e as categorias nominais. Há opções de neopronomes na terceira pessoa do singular, baseadas nos sistemas *elu, ile, ilu, el, x e @*. Já os substantivos e adjetivos são marcados pelo sistema *-e* (Almeida, 2020; Oliveira, 2022). Em inglês, a linguagem não binária se apresenta de modo mais simplificado, visto que é uma língua com gênero

<sup>1</sup> Não há uma sigla consagrada, variando entre LGBTI+, LGBTQI+, LGBTQIA+ e LGBTQIAPN+. Neste trabalho, adota-se a sigla LGBTQ+ por ser mais frequente em textos acadêmicos

não marcado. Dessa forma, o alvo da mudança recai principalmente nos pronomes.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de trabalhar as formas de transformação, de buscar caminhos para reconfigurar a sociedade e os meios em que estamos inseridos a partir de possibilidades abertas pelo ato de traduzir. Assim, a tradução é vista como uma criação – reescrita, segundo Castro (2009) – que dialoga com as múltiplas realidades sociais.

O estabelecimento da relação entre tradução feminista e comunidade LGBTQ+ toma como base o propósito de aprofundar a discussão sobre a tradução feminista, com o objetivo específico de analisar como e quais criações esse formato de trabalho promove, a fim de entender se a tradução da obra de *Garota, mulher, outras* pode ser compreendida como uma tradução feminista. Logo, o trabalho não se restringe ao público feminino, pois almeja um mundo mais inclusivo para as comunidades marginalizadas — aqui, o foco recai na comunidade negra e na LGBTQ+.

### **METODOLOGIA:**

Para compreender a importância da tradução feminista para a sociedade, bem como da obra *Garota, mulher, outras*, propõe-se um detalhamento bibliográfico sobre o campo de estudo, dialogando com as formas de atuação e contribuição desse tipo de tradução para além do grupo feminino propriamente dito.

Em primeiro lugar, objetivou-se, com base em referenciais teóricos, dialogar sobre o estilo de escrita adotado por Bernardine Evaristo, conhecido como *fusion fiction*, a fim de compreender esse padrão de escrita pró-poético e não muito convencional.

Em segundo lugar, objetivou-se explorar a linguagem não binária, questionando se já há alguma padronização, visto que, sendo uma linguagem nova, ainda há muita discussão sobre seu nome, seu formato, quais grupos sociais representa, entre outros aspectos que buscam promover uma mudança no pensamento coletivo e refletir sobre as possibilidades de ser uma pessoa em uma sociedade plural — isto é, por meio dessa pequena mas significativa modificação na linguagem, a transformação ocorre.

Em terceiro e último lugar, realizou-se um cotejo<sup>2</sup> da tradução do capítulo “Megan/Morgan”, o qual narra a vida de uma pessoa não binária por meio de uma linguagem não binária. Assim, apoiado nas recentes discussões sobre essa linguagem, o trabalho pôde analisar as escolhas tradutórias e como elas impactam o campo da tradução feminista, além de permitir traduções desse caráter.

### **BERNARDINE EVARISTO:**

Bernardine Evaristo é uma autora anglo-nigeriana de grande destaque nos campos literário, ativista e acadêmico. Nascida em 28 de maio de 1959, em Woolwich, região Sudeste de Londres, ela é a quarta filha, de oito, de uma mulher britânica, branca, inglesa e católica, e de um nigeriano imigrante, compondo uma família inter-racial.

As obras e projetos de Evaristo pautam-se na diáspora africana, abordando a comunidade negra — com destaque para a figura feminina — e os desafios enfrentados pelo grupo: imigração forçada, preconceitos, reformulação de suas identidades devido ao abandono de seus costumes ou à tentativa de mantê-los no local onde estão, construindo, futuramente, uma identidade mestiça, etc. A diáspora é o alicerce de suas obras, pois, para se proteger da

---

<sup>2</sup> Para o cotejo, a versão física do livro *Garota, mulher, outras*, traduzido para o português e publicado em 2020, e a versão e-book do livro em inglês, publicado em 2019, foram utilizados.

sociedade preconceituosa em que foi criada, o saber foi o caminho mais sólido. Para tanto, Evaristo buscou conhecer suas raízes familiares, o que a levou ao conceito de diáspora e, posteriormente, à compreensão de sua identidade mestiça, “[...] múltiplas heranças culturais, que ela [Evaristo] então usou em sua literatura para dar complexidade e nuances a narrativas e personagens” (Borges, 2022).

### **FUSION FICTION:**

Estilo de escrita desenvolvido por Bernardine Evaristo e adotado em toda a obra. É uma forma que, “ao fundir as histórias das mulheres, emprega um padrão pró-poético na página e uma pontuação pouco ortodoxa”. Assim como, a “decisão de remover certos aspectos da pontuação tradicional”, conforme afirma Evaristo (2022, p. 170), “pode ter o efeito de transformar a experiência de leitura [...], tornando-a rapidamente mais imersiva”. Com esse estilo de escrita, Evaristo explora não só variedades existentes na literatura — como o discurso indireto livre —, mas também demandando a quebra de padrões e de uma suposta homogeneidade presente na literatura inglesa.

Ao longo da análise, foram identificados alguns padrões como: ausência de letras em caixa-alta para iniciar o parágrafo; segmentação de sentenças imprecisa, mas que separa o vocativo do restante da frase quando deseja dar ênfase; ausência de marcação de diálogo. A ênfase também ocorre em outros momentos, quando a autora decide chamar a atenção do leitor para algum aspecto ou informação; uso de caixa-alta-baixa em nomes próprios, nomes de locais, regiões, países; uso total de caixa-alta em palavras para mimetizar, por exemplo, o grito ou a exaltação.

### **TRADUÇÃO FEMINISTA:**

Segundo bell hooks (2018, p. 14), o feminismo é compreendido como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. Assim, a luta combate o sexismo institucionalizado<sup>3</sup>, o qual constrói o imaginário e o entendimento social sobre a figura feminina. Há diversas correntes feministas dentro de uma mesma onda, originárias da tentativa de elaborar um movimento que representasse diferentes pautas: feminismo socialista, radical, liberal, negro e interseccional.

O foco da pesquisa recai na corrente interseccional, pois

Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p. 177).

Por meio dessa vertente, portanto, há a combinação de identidades, visões e compreensões de mundo com a junção de diferentes fatores sociais.

As discussões feministas tiveram reflexos em outros campos de atuação, como a tradução. É essencial ter em mente que a tradução é uma escolha e atividade política, e que toda escolha é regida por objetivos. Como afirmado por Costa e Amorim (2019), a atividade tradutória é vista como uma atividade regulada, em que um texto-fonte é analisado, interpretado e traduzido por uma pessoa profissional da tradução. Dessa forma, toda pessoa que traduz é acolhida e atravessada por discursos sociais, históricos e ideológicos que definem sua forma de trabalhar, seu comportamento e suas crenças. Logo, não é possível que uma tradução seja imparcial e a tentativa de obtenção da neutralidade é, apenas, um engano por parte do profissional.

---

3 Modo como hooks (2018) refere-se ao patriarcalismo.

Portanto, a tradução feminista questiona essa neutralidade, advinda de uma linguagem masculina.

A tradução feminista surgiu durante a segunda onda feminista através da escola de tradução feminista canadense. Por meio desse estudo, vemos que a única possibilidade de fidelidade é à nossa interpretação, não ao autor ou ao texto. Conforme Flotow (2020), a tradução feminista permite um uso mais criativo da linguagem, destacando a presença feminina ou elaborando uma escrita incomum. Assim, ao pensar na linguagem não binária, vemos a concretização da escrita incomum.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Com um caráter mais político e subversivo das desigualdades sociais de gênero e das intersecções de gênero com outras categorias, a tradução feminista tem como objetivo fazer a língua falar pelas mulheres. Destaca-se aqui o ponto de atenção levantado por Castro (2009) e Castro e Sportuno (2022) sobre quem são essas mulheres, assim como amplia-se a pauta, afirmando que a tradução feminista tem como objetivo fazer a língua falar por todos aqueles que são marginalizados. Isso é possível porque ela instiga o uso criativo e contextualizado da língua e, assim, reivindica respeito, espaço na sociedade, inclusão de comunidades minorizadas. Ademais, através dessa perspectiva inclusiva a não marcação de gênero é trabalhada na linguagem.

Segundo Freitag (2022), os objetivos da linguagem não binária variam conforme a regra adotada. A primeira regra inferida a partir do uso é que a linguagem somente é utilizada para se referir a pessoas não binárias ou agênero — logo, não exclui o uso de terminações *-o* e *-a*, como em *todos*, *todas* e *todes*. A segunda regra é utilizar a linguagem não binária para se referir tanto a pessoas binárias quanto não binárias, ou seja, há um uso mais geral.

A visão interseccional é a chave epistemológica que estrutura a linha de pensamento transnacional nos estudos feministas da tradução. É nas visões interseccionais e transnacionais que esta pesquisa compreende a tradução da linguagem não binária como possível dentro do campo da tradução feminista, visto que nos voltamos para os feminismos antiLGBTQfóbico, anticolonial, etc. Há, então, o envolvimento tanto da identidade de quem traduz quanto de quem é representado nos trabalhos.

A partir da análise da tradução e dos saberes reunidos até então, notou-se que o pronome *elu* é o mais utilizado atualmente, porque apresenta uma semelhança com outros pronomes já conhecidos: *ele*, *ela*. Além disso, as terminações *-e* e *-u* são mais usuais — construções presentes na tradução de Holdefer. Já no inglês, o *they* utilizado no singular é mais comum, junto com suas variações.

## CONCLUSÃO:

Em vista da característica reivindicatória, interseccional e criativa existente na tradução feminista e na linguagem não binária, a tradução dessa linguagem pode ser encaixada dentro da perspectiva da tradução feminista, visto que ambas têm como propósito vindicar o espaço na sociedade que sempre foi negado às comunidades que representam. Dessa forma, por meio dessa perspectiva tradutória, a pluralidade de identidades existentes na relação humana é enfatizada, bem como as opressões sofridas por elas de distintas maneiras.

Ainda não é possível afirmar que haja uma padronização da linguagem não binária e qual variação será priorizada, pois estamos em meio a uma mudança. O que estrutura essa modificação são as intenções de uso de cada grupo que integra a comunidade LGBTQ+, gerando conflitos na hora de utilizá-las. Contudo, ela cumpre com a promoção de uma linguagem menos sexista.

Sendo assim, o que é possível afirmar até então é que os cuidados para traduzir uma linguagem não binária se encontra no fato de evitar o masculino genérico, buscando por alternativas que fujam desse padrão universalizante, já que a própria linguagem sugere esse comportamento fora do padrão por meio de uma marcação incomum.

Ao lidar com identidades, temos que pensar em formas como os indivíduos se enxergam no mundo (Freitag, 2022). Diante desse desafio e da impossibilidade de saber como as pessoas se compreendem, o melhor é pecar pelo excesso do que promover uma nova uniformização que gera outras discrepâncias e apagamentos. Assim, indica-se marcar diferentes identidades (binário e não binário) com o intuito de contemplar todos os indivíduos ou se pautar em uma escrita mais inclusiva.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Gioni Caê. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. Research Gate, maio 2020.
- AMORIM, Lauro Maia. Tradução como diáspora: as vozes da poesia afro-americana no Brasil. *In*: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane. **Vozes da tradução: éticas do traduzir**. São Paulo: Humanitas, 2014. p. 149-176.
- BORGES, Stephanie. Herança como escrita: Bernardine Evaristo descreve como estudar a diáspora africana e a identidade mestiça conferiu complexidade à sua literatura. **Quatro Cinco Um**: a revista dos livros, Literatura Negra, 01 nov. 2022, São Paulo.
- CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola? **MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación**, Alicante, Espanha, n. 1, p. 59-86, 2009.
- CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura. Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução. Tradução de Maria Barbara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, n. 1, p. 1-59, set. 2022.
- COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 1227-1247, dez. 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 01 jan. 2002.
- EVARISTO, Bernardine. **Garota, mulher, outras**. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- EVARISTO, Bernardine. **Girl, Woman, Other**. Londres: Penguin Random House UK, 2019. E-book.
- EVARISTO, Bernardine. **Manifesto: sobre nunca desistir**. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. E-book.
- FLOTOW, Luise Von. Feminist translation strategies. *In*: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 3 ed. London: New York: Routledge, 2020. p. 181-185.
- FREITAG, Raquel Meister KO. Conflito de regras e dominância de gênero. *In*: FILHO, Fábio Ramos Barbosa; OTHERO, Gabriel Ávila (org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 53-71.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- OLIVEIRA, Karoline Melo de. **Tradução inclusiva: a linguagem não binária no futuro da tradução**. 2022. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Bacharel em Letras) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- SCARDOELLI, Marina Donato. **Matamos as meninas**: notas e comentários na tradução do ensaio *On tues les petites filles*, de Leïla Sebbar. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2019.